

ATAS DO II ENCONTRO DE MESTRADOS EM EDUCAÇÃO
DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

As Representações dos Pais sobre a Educação em Creche

Mónica Assis* (autora principal e de correspondência) e **Marina Fuertes****

*Mestre em Ciências da Educação, especialidade em Intervenção Precoce - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

**Doutorada em Psicologia e Professora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

*monica.assis.ip@gmail.com

** marinaf@eselx.ipl.pt

Resumo

Em Portugal, o aumento do número creches foi acompanhado pelo aumento da investigação sobre a qualidade da creche. A generalidade dos estudos centra-se na discriminação das dimensões de qualidade e, raramente, sobre a representação dos pais acerca da creche (e sua percepção de qualidade). Partindo do pressuposto que a discussão sobre a qualidade da creche deve ser suportada empiricamente, mas que também é uma construção social baseada nos valores e nas representações dos seus atores, fomos ouvir os pais. Assim, quisemos conhecer: Como é que os pais escolhiam a creche do seu filho(a)? Qual o seu conceito de qualidade? Que valor atribuem às experiências vividas pelos seus filhos ou filhas na creche? Que representação elaboram sobre o papel do profissional de educação? Para o efeito, entrevistámos 20 pais sobre as suas *Representações acerca da Creche* num estudo exploratório e qualitativo. Os entrevistados foram na maioria dos casos mães (18 em 20) de crianças entre os 8 e os 32 meses ($M = 21,65$; 9 meninas, 11 meninos; 13 primogénitos).

De um modo geral, o estudo revelou que os pais valorizam a creche enquanto espaço de promoção do desenvolvimento da criança; valorizam a dimensão afetiva do trabalho em creche; consideram as educadoras profissionais qualificadas de educação e desejam uma relação estreita, aberta e respeitosa entre a creche e a família. Estes resultados podem contribuir para a discussão sobre a parceria escola-família.

Palavras-chave: Representações dos Pais, Creche, Relação Escola-Família

INTRODUÇÃO

Cabe ao Ministério da Solidariedade e Segurança Social tutelar as respostas sociais que cuidam de crianças até aos 3 anos de idade. Atualmente, a lei identifica a creche como um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança (Portaria nº 262/2011 - DR -1ª Série - nº167). A creche recebe crianças até aos 3 anos de idade, durante o período correspondente ao impedimento dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais. Atualmente, a taxa de cobertura da creche é de 12.65% em 1996 (Vasconcelos, Orey, Homem, & Cabral, 2003), passando para 23.5% em 2004 (Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 2007) e atingindo em 2009 o valor de 34,6% (Instituto da Segurança Social, 2005; Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 2007).

A portaria referida anteriormente, apresenta novos referenciais para a organização dos serviços de atendimento a crianças entre os 0 e os 3 anos. Entre outros, a alteração da capacidade da creche, aproveitando ao máximo os seus espaços funcionais, em condições de segurança, permitindo que se estabeleçam condições de funcionamento e instalação, para que possam acolher mais crianças e aumentar o número de vagas.

Embora o serviço seja para a criança e para a família, o papel atribuído à família é, neste documento legal, residual. É, apenas, referido o direito à informação pela entrega do regulamento interno e estimula-se a participação no planeamento de atividades para favorecer a continuidade educativa.

Em suma, esta revisão da legislação altera a organização das práticas sem avançar com novas propostas para a participação dos atores escolares e, sobretudo, sem reconhecer o papel do educador enquanto profissional de educação. A par dos avanços legislativos referentes à Creche, verifica-se um crescente interesse no estudo do ambiente creche em várias áreas como estudo da qualidade ou a participação dos atores sociais (Aguiar, Bairrão & Barros, 2002; Portugal, , 2010).

ESTUDOS SOBRE A QUALIDADE DAS RESPOSTAS À CRIANÇA EM CRECHE

Segundo Cardoso (2012), podemos identificar duas grandes perspetivas sobre o conceito de creche: a) uma abordagem quantitativa baseada em critérios e especificações predeterminados e mensuráveis com vista a um produto final; e b) uma abordagem mais recente combinando elementos quantitativos e qualitativa, baseada na compreensão dos processos à luz de um determinado contexto “desenrolando-se em colaboração, a partir de atores internos (crianças, professores, pais), que reconhecem a necessidade de desenvolvimento e mudança e que colaboram na sua construção” (p.14). Nesta linha socioconstrutivista e transacional, o conceito de qualidade em creche é entendido de forma multimodal e socialmente construído. A qualidade em creche resulta da articulação de vários fatores nomeadamente das qualidade das experiências proporcionadas à criança para o seu bem estar e

desenvolvimento, do envolvimento positivo entre o adulto e a criança, da oferta pedagógica (e.g., originalidade, adequação à faixa etária), da qualidade das interações vividas entre pares e heterogeneidade de grupos, da prática reflexiva do educador, da articulação entre todos os membros da comunidade educativa (incluindo a interação positiva família-creche, entre outros fatores (revisão em Oliveira-Formosinho, 2011). Ora, os aspetos citados anteriormente resultam do esforço e articulação de todos os vários atores da escola, crianças, família, coordenação e educadores. O papel do educador é fundamental, devendo: i) basear a sua intervenção em pedagogias explicitadas e aprofundadas, ii) criar um ambiente educativo de qualidade, iii) adaptar e adequar os espaços aos objetivos educativos e às necessidades das crianças, iv) estimular interações positivas e de respeito, v) promover formas de envolvimento parental, e vi) implementar processos de avaliação (Portugal, 2013). Adicionalmente, Formosinho (2004) sublinha a importância de incluir a perspetiva dos interlocutores do processo educativo, incluindo as próprias crianças. A qualidade é um construto que depende, segundo a autora, da oportunidade de participação ativa dada à criança no sentido da construção da sua identidade, autodeterminação e autonomia.

Alguns estudos indicam que a *qualidade em creche* resulta também de: i) baixo rácio adulto-criança, ii) boas infraestruturas, profissionais empenhados e qualificados, iii) currículo integrador de todos os domínios do desenvolvimento e domínios da educação de infância, bem como iv) práticas e currículo organizados em parceria com a família (nuclear e alargada), com a comunidade e outros serviços ligados à infância. (e.g., Aguiar, 2006; Bairrão, 1992, 1999, 2001; Burchinal et al., 2002; Early et al., 2007; NICHD Early Child Care Research Network, 2005; Levental et al., 2000; Mckey, et al., 1985; Vasconcelos, 2008; Peisner-Feinberg et al., 2001; Portugal; 2011; Yoshikawa, 1994; Zigler, 1987 citados em Fuertes, 2010).

Para Formosinho (1996) e Oliveira-Formosinho & Araújo (2004) “os maus serviços educacionais representam uma oportunidade perdida” (Formosinho, 1996, p. X). Tal deve-se ao facto de os primeiros três anos de vida da criança constituírem um período fértil de aquisições que se sucedem rapidamente e se interligam de modo crítico no desenvolvimento. Para crianças oriundas de meios desfavorecidos, a educação em creche pode oferecer novas oportunidades de experimentar o mundo (e.g., o contato com o livro), de se integrar socialmente e de formar relações interpessoais significativas (Bairrão, 1992; Formosinho, 1996).

Se a bibliografia revela a importância de se oferecer respostas de qualidade a avaliação das práticas portuguesas indica ainda algumas dificuldades (embora com uma melhoria nos últimos anos). Na zona metropolitana do Porto, o estudo sobre a qualidade da creche com base em instrumentos referentes à norma como a ITERS revelou que, apenas, 17% das salas atingiram boa qualidade, não sendo encontradas salas com excelente qualidade (Aguiar, Bairrão & Barros, 2002). Mais recentemente, Tadeu (2012) encontra 30% de elevada qualidade em berçários na zona de Setúbal, tendo a maioria das creches apresentado qualidade moderada (com valores próximos aos obtidos na avaliação da qualidade do jardim de infância).

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

A participação dos pais é uma variável moderadora da qualidade da creche, não apenas, como recetores de informação ou participantes nas atividades promovidas pela escola, mas também na sua implicação na tomada de decisão e no planeamento autónomo de atividades (ver revisão em Fuertes, 2011). Não obstante, estudos realizados em Portugal indicam que alguns educadores assinalam o estabelecimento da relação com os pais como uma área de dificuldade no exercício da sua profissão (Barros & Aguiar 2010, Fuertes, 2011).

Nos estudos sobre as representações dos pais em creche (Barros, 2011, Pinto, 2010) verificamos ainda alguma incompreensão por parte dos pais sobre o papel da creche enquanto serviço de oferta de cuidados e o espaço educativo. O brincar, sendo uma influência central para o desenvolvimento da criança, não pode ser apenas entendido na sua vertente lúdica, mas como atividade promotora de todas as áreas do desenvolvimento: como momentos de socialização, de auto-conhecimento, de aquisição de valores, etc. (ver revisão Cardoso, 2012). Pais diferentes têm diferentes perspetivas sobre este aspeto.

ESTUDO EMPÍRICO

Tendo como propósito estudar as representações dos pais sobre a creche desenvolvemos um estudo exploratório de cariz qualitativo com o objetivo de procurar dimensões de análise sobre “o que pensam os pais” sobre a creche.

ESTUDO QUALITATIVO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS PAIS ACERCA DA CRECHE.

No presente estudo, procurámos conhecer as opções dos pais sobre a escolha da creche dos seus filhos ou filhas em duas áreas: 1) motivação para integrar a criança na creche e 2) representações dos pais sobre a creche e o seu conceito de qualidade.

Para o primeiro objetivo colocámos as seguintes questões: Que razões levaram os pais a colocar os/as filhos(as) na creche?

Que razões levaram os pais a escolher a creche frequentada pelos seus/suas filhos(as)?

Quais as principais fontes de informação utilizadas pelos pais para recolherem dados sobre as creches?

Na segunda dimensão de análise perguntámos aos pais a:

Quais os objetivos da educação em creche? Quais os benefícios?

Quais os aspetos que promovem a qualidade na Creche?

Métodos

Para a concretização dos objetivos deste estudo optámos por uma metodologia qualitativa, recolhendo 20 entrevistas semiestruturadas. O número de entrevistas recolhidas é relativamente baixo, porque o nosso objetivo, nesta fase do trabalho, é exploratório.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é descritiva, o que nos permitiu, através da análise discursiva dos entrevistados, reconhecer elementos relevantes e espontâneos, que através de abordagens quantitativas se perderiam por se centrarem em elementos porventura pré-estabelecidos. No caso da educação em creche, tivemos em conta, para além dos aspetos objetivos e mensuráveis que contribuem para a qualidade, a forma como cada interveniente (e.g., pais, educadores) perspetiva o desenvolvimento infantil, a educação na primeira infância, o modo como o papel do educador e da família na educação afeta as suas ações, interações e interpretações. As representações dos pais, neste contexto, são entendidas como uma construção interna destes aspetos com base nas suas experiências sociais e na influência cultural (Formosinho, 1996).

Os resultados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo, isto é, “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens*” (Bardin, 2009, p. 44).

A análise de conteúdo das entrevistas baseou-se em três polos cronológicos, sistematizados por Bardin (idem) e que incluem: a pré-análise (transcrição da entrevista), a exploração do material (construção dos indicadores) e o tratamento dos resultados e interpretação (categorização).

A recolha de dados foi realizada no espaço de creche, por uma investigadora que não era educadora das crianças. A participação dos pais regeu-se pelos princípios e regras do livre consentimento, tendo sido assegurado aos participantes o anonimato e a confidencialidade das suas declarações.

Participantes

No nosso estudo participaram 18 mães e 2 pais de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 32 meses ($M=21,65$; $d.p.=6,50$). Esta amostra de conveniência era composta por 11 meninas e 9 meninos, dos quais 13 eram primogénitos. Todas as crianças frequentavam creches privadas e os pais identificavam-se como classe média (baixa a alta). A idade das mães situava-se nos 34.45 anos (Min. 29 – Máx. 41; $d.p.= 3.734$) e dos pais nos 35.65 anos (Min. 29 – Máx. 42; $d.p.= 4.234$). Relativamente à escolaridade materna, 17 mães tinham formação superior e 3 tinham o 12º ano enquanto 11 pais tinham formação superior, 8 tinham o 12º ano e 1 tinha o 9º ano. Os participantes residam em meio urbano (15 Mafra, 2 Loures, 1 Amadora, 1 Alcochete, 1 Oeiras).

Resultados

Da análise de conteúdo das entrevistas, verificámos que a maioria dos pais colocou os seus filhos ao cuidado de uma creche porque valorizava a creche como espaço educativo e de socialização, e pelo acompanhamento prestado pelos profissionais de educação às crianças. Um grupo de 7 pais (em 20), preferia ter ficado com a criança ou deixá-la a cargo de familiares. Apenas, dois pais teriam preferido recorrer a amas privadas.

No momento da escolha é a reputação da escola, a experiência da primeira visita (no acolhimento feito pela instituição e pelas educadora/auxiliares) e a qualidade dos aspetos físicos que mais pesam na decisões dos pais.

A maioria dos pais (pai e mãe) participantes neste estudo pensou em conjunto a decisão de colocar os filhos ou filhas na creche, ouvindo nalguns casos outros familiares, amigos e pais. Ouvir pessoas de confiança parece preceder a outras formas de informação. A visita direta às instituições, conhecer as instalações, contactar os profissionais parece também ajudar alguns pais na tomada da decisão.

Os pais dividem-se quanto aos aspetos que promovem a qualidade em creche mas consideram a componente humana um elemento chave da qualidade das práticas em creche.

Discussão dos resultados

Os primeiros dois anos de vida da criança são marcados por mudanças de desenvolvimento (motoras, cognitivas, socioemocionais e linguísticas) rápidas, determinantes e acompanhadas por uma forte transformação neuronal (revisão em Shonkoff & Phillips, 2000). Estes ganhos dependem largamente das experiências proporcionadas à criança e da influência do meio (Sameroff & Fiese, 2000). Neste processo, a creche assume um papel importante. Quando os programas são de elevada qualidade a creche contribui para o desenvolvimento infantil, para a autonomia, socialização e bem estar psicológico (Burchinal et al., 2002; Early et al., 2007; NICHD Early Child Care Research Network, 2005; Levental et al., 2000; Mckey, et al., 1985; Peisner-Feinberg et al., 2001). Será que os pais portugueses conhecem e valorizam as práticas em creche?

Embora guiados por objetivos meramente, exploratórios, verificámos que os pais, de modo geral, valorizavam a Creche. A maioria tomou a decisão de colocar o seu filho(a) na creche por considerar que seria benéfico para a criança e não por falta de outra opção. Embora os resultados não possam ser generalizados, este dado é um indicador importante a considerar em futuros estudos porque podemos estar numa fase de viragem no entendimento que as famílias fazem do trabalho pedagógico em creche.

Todos os participantes esperam que a creche proporcione um ambiente estimulador do desenvolvimento dos seus filhos. Alguns pais consideram que a creche deve promover o bem estar da criança. Outros sublinham a importância da relação do educador com as crianças, nomeadamente, esperam que o educador dê afeto e

atenção aos seu filho ou filha. Na verdade, a transição para a creche é, geralmente, vivida com ansiedade pelos pais (e.g., Ainslie & Anderson, 1984) e pelas crianças (e.g., Ahnert, Gunnar, Lamb, & Barthel, 2004; Griebel & Niesel, 2009). Todavia, tal como acreditam estes pais, quando as crianças estabelecem relações positivas e recíprocas com os seus educadores, a transição para a creche é vivida com menor ansiedade pelas crianças e consequentemente pelos pais (ver revisão Dalter, et al., 2012). Efetivamente, a relação com os educadores parece ser promotora de bem estar da criança. Especialmente para crianças pequenas que dependem do apoio do adulto para a auto-regulação das suas emoções (Fonagy, Gergely, Jurist, & Target, 2002; Robertson & Robertson, 1989; Schore, 2001; Siegel, 2001; Stern, 1985).

O contributo das educadoras e auxiliares e o acolhimento prestado na creche são transversalmente valorizados (ao longo das entrevistas) como um elemento central da qualidade da creche (Formosinho, 2014). Os pais deste estudo preferem educadores diplomados e pessoal qualificado. Num estudo norte americano, a qualificação dos educadores está correlacionada com a qualidade da prática educativa embora não seja um fator preditivo dessa qualidade (Early et al., 2007). Na verdade, esta investigação salienta que não são os anos de formação dos educadores mas qualidade da formação recebida que afeta a prática do educador.

A localização, tal como tem sido referido noutros trabalhos nacionais (INE, 2010), condicionou as escolhas dos pais que num determinado raio geográfico procuram encontrar a melhor creche possível. As condições físicas, espaço e materiais da escola, também, pesaram na escolha da creche. No entanto, as famílias entrevistadas rejeitam a ideia de que estes sejam os elementos (localização e espaços) mais importantes na sua escolha.

Em suma, as escolhas dos pais parecem integrar vários elementos que na literatura são identificados como aspetos que contribuem para a qualidade educativa. Nesta tomada de decisão, os pais auscultam-se mutuamente e aconselham-se com familiares, amigos e outros pais. Esta procura de aconselhamento e de responsabilização conjunta pode indicar que os pais atribuem importância à decisão de colocar os filhos na creche e em que creche.

Sendo uma amostra de classe média (média a média alta), nenhum pai referiu o preço da creche como fator crítico na escolha. Porventura, pais com outras condições económicas poderiam levar em linha de conta fatores económicos.

Outro elemento interessante é o facto de os pais desejarem ser ouvidos e envolvidos nas práticas educativas da creche. Esta participação, para além de ser um direito das famílias, contribui para a qualidade educativa (e.g., NICHD Early Child Care Research Network, 2000; Peisner-Feinberg, Burchinal, Clifford, Culkin, Howes, Kagan, 1999). Sublinha-se que participação dos pais pode ter um impacto positivo nas práticas porque entre outros aspetos: i) são os pais que melhor conhecem os filhos, ii) podem transmitir informação crítica acerca da criança à escola, iii) podem participar nas atividades e dar continuidade a essas práticas no dia a dia da criança, iv) podem contribuir com meios e recursos e, por último, v) podem transmitir confiança aos filhos na escola (Fuertes, 2010; Portugal, 2010; 2011).

Os resultados desta pesquisa resultam de um estudo qualitativo, realizado numa amostra muito reduzida e de conveniência, pelo que não são generalizáveis. Não obstante, gostaríamos que o estudo contribuisse para a discussão das seguintes

questões: Qual o espaço de participação dados aos pais pelos educadores e pela escola em geral? Como se partilha com eles a informação sobre os filhos? Em que medida é que a sua opinião é ouvida?

E pelo lado dos pais, como se informam acerca da creche dos seus filhos? Que responsabilidades assumem para a melhoria das práticas da creche? Darão continuidade ao trabalho da creche em casa, acompanhando os esforços do educador?

Sabemos que o empenhamento dos educadores e dos pais, na construção efetiva de uma parceria, beneficiará as práticas educativas da creche e o desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, C. (2006). Comportamentos interativos maternos e envolvimento da criança. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Aguiar, C., Bairrão, J. & Barros, S. (2002). Contributos para o estudo da qualidade em contexto de creche na Área Metropolitana do Porto. *Infância e Educação: Investigação e Práticas*, 5, 7-28.
- Ahnert, L., Gunnar, M. R. Lamb, M. E., & Barthel, M. (2004). Transition to childcare: Associations with infant-mother attachment, infant negative emotion, and cortisol elevations. *Child Development*, 75, 639-650.
- Ainslie, R. C. & Anderson, C. W. (1984). Day care children's relationships to their mothers and caregivers. In R. C. Ainslie (Ed.) *The child and the day care setting* (pp. 98-133). New York: Praeger.
- Almeida, A. N., & Vieira, M. M. (2006). *A Escola em Portugal. Novos Olhares, outros Cenários*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Bairrão, J. (1992). Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Educação: o caso da educação e cuidados pré-escolares. *Inovação*, 1, 41-58.
- Bairrão, J. (1998). O que é a Qualidade em Educação Pré-Escolar? Alguns resultados acerca da Qualidade da Educação Pré-Escolar em Portugal. *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. (pp.41-88). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

- Bairrão, J. (2001). *The impact of pre-school and family socialization settings on child's development*. Comunicação apresentada no Congresso Europeo de la Asociación Mundial de Educadores Infantiles, Santiago de Compostela, Espanha.
- Bardin L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, S., & Aguiar, C. (2010). Assessing the quality of Portuguese child care programs for toddlers. *Early Childhood Research Quarterly*, 25 (4), 527-535.
- Bogdan, R., & Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Burchinal, M. R., Roberts, J. E., Riggins, R., Zeisel, E.N., & Bryant, D., (2002). Relating Quality of Center-Based Child Care to Early Cognitive and Language Development Longitudinally. *Child Development*, 71, 2, 339-357.
- Cardoso, (2012). Criando contextos de qualidade em creche: ludicidade e aprendizagem. Tese de Doutoramento da Universidade do Minho.
- Conselho Europeu de Barcelona (2002). Conclusões da Presidência. www.consilium.europa.eu/ueDocs/cms_Data/docs/.../pt/ec/71066.pdf consultado a 3 de Março de 2014.
- Cryer, D., Tietz, W., & Wessels, H. (2002). Parents' perceptions of their children's child care: a cross-national comparison. *Early Childhood Research Quarterly*, 17, 259-277.
- Dalter, W., Funder, A., Hover-Reisner, N., Fursteller, M., & Erekly-Stevens, K. (2012). Eingewohnung von Krippenkindern: Forschungsmethoden zu Verhalten, Interaktion und Beziehung samt einer Darstellung des Designs der Wiener Krippenstudie. In S. Viernickel, D. Edelmann, H. Hoffmann, & A. König (Eds.), *Krippenforschung. Methoden, Konzepte, Beispiele* (pp. 59-73). Munchen: Reinhardt.
- Early, D. M., Maxwell, K. L., Burchinal, M., Alva, S. Bender, R. H., Bryant, D. Cai, K., Clifford, R. M., et al., (2007). Teachers Education, Classroom Quality, and young children's academic skills: results from seven studies of preschool programs. *Child Development*, 78, 2, 558-580.
- Folque, M. A. & Siraj-Blatchford, I. (1996). Parents' view of quality in early childhood services in Portugal. *International Journal of Early Childhood*, 28, 2, 37-48.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. L., & Target, M. (2002). *Affect regulation, metallization*

and development of the self. New York: Other Press.

Formosinho, J. (1996). *A educação pré-escolar em Portugal. Perspectivar Educação*, 2, 9-18.

Fuertes, M. (2010). *Se não pergunta como sabe? Dúvidas dos pais sobre a educação de infância.* In Estudos Educacionais: Da Investigação à Formação – CIED. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa.

Fuertes, M. (2011). A outra face da investigação: Histórias de vida e práticas de intervenção precoce. *Da Investigação às Práticas*, 1, 1, 89-109.

Griebel, W. & Niesel, R. (2009). A developmental psychology perspective in Germany: Co-construction of transitions between family and education system by the child, parents and pedagogues. *Early Years*, 29, 59-68.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2010). A Situação Demográfica Recente em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos* 48, 101-145.

Instituto da Segurança Social (2005). *Modelo de avaliação da qualidade: Creche.* Ministério do Trabalho e da Segurança Social.

Levental, T., Brooks-Gunn, J., McCorninck, M.C., & McCarton, M. (2000). Patterns of service use in preschool children: correlates, consequences and the role of early intervention. *Child Development*, 71, 3, 802-819.

Mckey, R. H., Condelli, L., Granson, H., Barrett, G., McConkey, C., & Plantz, M. (1985). *The impact of Head Start on families and communities.* NY: Willey.

Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (2007). *Portugal: Trabalho e Solidariedade – uma visão de conjunto.* Lisboa: MTSS.

NICHD Early Child Care Research Network (2000). The relation of child care to cognitive and language development. *Child Development*, 71, 958-978.

NICHD Early Child Care Research Network (2005). *Child care and child development: Results of the NICHD study of early child care and youth development.* NY: Guildford Press.

Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2004). O envolvimento da criança na aprendizagem: Construindo o direito de participação. *Análise Psicológica*, 1, (XXII), 81-93.

Oliveira-Formosinho, J. & Lino, D. (2008). Os papéis das educadoras: as prespetivas

- das crianças. In J. Oliveira Formosinho (Ed.) *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2011). *Conselho Nacional para a Educação dos zero aos três anos* (pp. 61-91). Lisboa: CNE.
- Peisner-Feinberg, E., Burchinal, M., Clifford, R., Culkin, M., Howes, C., Kagan, S. et al., (2001). The relation of pre-school child-care quality to children's cognitive and social developmental trajectories through second grade. *Child Development*, 72, 1534-1553.
- Peisner-Feinberg, E. S., Burchinal, M. R., Clifford, R. M., Culkin, M. L., Howes, C., Kagan, S. L., et al. (1999). *The children of the cost, quality, & outcomes study go to school: Public report*. Chapel Hill: University of North Carolina at Chapel Hill, FPG Child Development Center.
- Pessanha, M.; Aguiar, C., & Bairrão J. (2007). Influence of structural features on Portuguese toddler child care quality. *Early Childhood Research Quarterly*, 22, 204-214.
- Pinto, R. (2010). Representações da família sobre o Educador de Infância em Creche. Repositório Universidade Fernando Pessoa.
- Portaria nº 262/2011. Ministério da Solidariedade e da Segurança Social. Diário da República – I Série, Nº167 de 31 de Agosto de 2011.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches. Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2010). No âmago da educação em creche – O primado das relações e a importância dos espaços. A educação das crianças dos 0 aos 3 anos. *Estudos e seminários*, 46-59.
- Portugal, G. (2011) *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Robertson, J., & Robertson, J. (1989). *Separation and the very young*. London: Free Association Books.
- Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early interventions. In S. J. Meisels, & J. P. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (2ª ed., pp.135-159) Cambridge: Cambridge University Press.
- Schore, A. N. (2001). Effects of a secure attachment relationship on right brain development, affect regulation, and infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, 22, 7-66.

- Shonkoff, J.P., & Phillips, D.A. (2000). *From neurons to neighborhoods. The Science of Early Childhood Development*. Washington, D.C.: National Academy Press.
- Siegel, D. J. (2001). Toward an interpersonal neurobiology of developing mind: Attachment relationships, mind sight, and neural integration. *Journal of Infant Mental Health*, 22, 67-94.
- Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. New York: Basic Books.
- Tadeu, B. (2012). A qualidade das salas de berçário nos concelhos de Setúbal e de Palmela. *Tese de Mestrado*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Vasconcelos, T., Orey, I., Homem, L.F., & Cabral, M (2003). *Educação de Infância em Portugal: Situação e contextos numa perspectiva de promoção de equidade e combate à exclusão*. Atas do Conselho Nacional de Educação. Lisboa: CNE.
- Vasconcelos, T. (2008). Educação de infância e promoção da coesão social. In relatório do estudo: "A educação das Crianças dos 0 aos 12 anos". *Atas do Conselho Nacional de Educação* (pp.141-175). Lisboa: CNE.
- Yoshikawa, H. (1994). Prevention as cumulative protection: Effects of early family support and education on chronic delinquency and its risks. *Psychological Bulletin*, 115, 1, 28-54.
- Zigler, E. F. (1987). The effectiveness of Head Start: Another look. *Educational Psychologist*, 13, 71-77.